

Ganhar na loteria e continuar GAZETA MERCADO pobre

por Paulo Totti
de Washington

Nos Estados Unidos a sorte do deputado João Alves não o ajudaria a ficar tão rico tão depressa. Se se mudasse para os Estados Unidos e, a partir do guichê da imigração, os astros passassem a protegê-lo com a mesma dedicação com que o beneficiaram desde o feliz dia em que aceitou ser relator da Comissão de Orçamento da Câmara, João Alves teria de passar vinte anos para juntar todo o dinheiro prometido por um só bilhete premiado.

Os grandes prêmios de loteria em qualquer estado norte-americano são pagos em vinte suaves prestações anuais, descontado o Imposto de Renda.

Em Washington, por exemplo, se João Alves fosse o único ganhador do "Jackpot" da Superball, o maior prêmio acumulado da loteria administrada pela prefeitura local e que pagou neste ano o recorde nacional de US\$ 100 milhões, o deputado teria um crédito contra o governo de US\$ 74 milhões (US\$ 26 milhões, ou 26%, seriam a sua contribuição para o fisco). Contra a apresentação da cartela premiada (na Superball são permitidas apostas em seis números por cartão), João Alves receberia US\$ 3,7 milhões. E durante os próximos dezanove anos, sempre no dia do seu aniversário (não conta o aniversário que ocorrer eventualmente após o recebimento do pagamento inicial no primeiro ano), o eficiente correio americano bateria à sua porta com um novo cheque de US\$ 3,2 milhões. Sem juros nem correção monetária.

O deputado, agora com 73 anos, teria de utilizar parte desse dinheiro para manter-se vivo, pois, se o premiado morrer antes

(Continua na página 8)